



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO DE LETRAS LIBRAS

ALANNA KELLY GOMES DE OLIVEIRA

**MATERIAIS DIDÁTICOS VISUAIS COMO POSSIBILIDADE
METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE LIBRAS:**

a pessoa surda em foco

CAMPINA GRANDE

2023

ALANNA KELLY GOMES DE OLIVEIRA

**MATERIAIS DIDÁTICOS VISUAIS COMO POSSIBILIDADE
METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE LIBRAS:**

a pessoa surda em foco

Monografia de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Letras Libras da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial à
conclusão do curso.

Orientadora: Prof^ª Ma.: Ritha Cordeiro de Sousa e
Lima

CAMPINA GRANDE

2023

O48m

Oliveira, Alanna Kelly Gomes de.

Materiais didáticos visuais como possibilidade metodológica para o ensino de Libras: a pessoa surda em foco / Alanna Kelly Gomes de Oliveira. – Campina Grande, 2023.

57 f.: il. color.

Monografia (Licenciatura em Letras - Libras) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação: Profa. Ma. Ritha Cordeiro de Sousa e Lima".
Referências.

1. Ensino de Libras – Pessoas Surdas. 2. Materiais Didáticos Visuais.
I. Lima, Ritha Cordeiro de Sousa e. II. Título.

CDU 81'221.24(07) (043)

ALANNA KELLY GOMES DE OLIVEIRA


**MATERIAIS DIDÁTICOS VISUAIS COMO POSSIBILIDADE
METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE LIBRAS:**

a pessoa surda em foco


Monografia de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Letras Libras da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial à
conclusão do curso.

Aprovada em: 10 de novembro de 2023.


Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 RITHA CORDEIRO DE SOUSA E LIMA
Data: 30/12/2023 15:25:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma.: Ritha Cordeiro de Sousa e Lima - Orientadora - UFCG

Documento assinado digitalmente
 CONCEICAO DE MARIA COSTA SAUDE
Data: 15/12/2023 08:30:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma.: Conceição de Maria Costa Saúde - Examinadora interna

Documento assinado digitalmente
 GERMANA SILVA DE OLIVEIRA
Data: 28/12/2023 09:45:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma.: Germana Silva de Oliveira - Examinadora externa.

CAMPINA GRANDE

2023

Dedico a Deus, por ter me dado a oportunidade e a força necessária para a realização desta conquista acadêmica e pela vitória na minha vida. À minha família por estar sempre comigo em todos os momentos, lutando e torcendo juntamente pelos meus sonhos. À minha orientadora, por proporcionar que este trabalho se concretizasse e pela grande ajuda. À toda comunidade surda pela inspiração e coragem.

AGRADECIMENTOS

Parece que foi ontem, mas já faz quatro anos e meio que iniciei uma jornada: a tão sonhada graduação em uma universidade pública. Durante este tempo vivi momentos únicos e só tenho a agradecer.

Primeiramente a Deus, por ser meu fortalecedor, meu refúgio, meu guia, meu tudo. Por seu infinito amor, proteção e cuidado. Por me fazer entender, lidar e superar minhas dificuldades e limitações. Por sempre me dá palavras de conforto que fortaleceram e fortalecem a alma e acalma o coração. No decorrer da caminhada fui fortalecida por muitas palavras que me ajudaram a permanecer firme e não desistir. Obrigada, meu Deus por tantas bênçãos.

Aos meus pais, Naldo e Ana, pelo amor, paciência, abrigo e suporte. Por sempre estarem comigo. Meus amores, obrigada por tantas coisas, coisas que só nós sabemos e vivemos. Vocês me ensinaram e ensinam as melhores lições e me proporcionam um amor tão grande. Sempre farei de tudo para ver vocês sorrindo. Amo vocês!

Ao meu irmão, Samuel, por me aguentar e me ajudar. Meu desejo é que sejamos o orgulho da família, com a graça do nosso Senhor!

Aos tios, tias, primos, primas, sobrinhos postiços, por estarem sempre ao meu lado, me apoiando emocionalmente e financeiramente, dando força para eu nunca desistir e me cercando de amor, vocês são meus presentes.

A minha vizinha, Célia e meu avô de consideração, Jório, por sempre acreditarem no meu sucesso e me apoiar em todos os momentos da minha vida.

Ao meu noivo, Valentin, por ser um presente de Deus na minha vida. Por seu auxílio, me apoiar em todos os momentos e por se fazer sempre presente, fisicamente ou não. Sou grata por você, és especial para mim!

Aos meus colegas, ouvintes e surdos, pelas conversas e desabafos, pelos sorrisos diários. Por ter me permitindo vivenciar momentos inesquecíveis durante o processo, em especial ao meu grupinho de trabalhos, fazendo com que tudo se tornasse mais fácil. Agradeço a todos vocês por me aguentarem, pelos conhecimentos e trocas. São todos especiais!

Aos meus professores, por terem contribuído no meu crescimento profissional e pessoal, com certeza vocês são responsáveis por todo meu desenvolvimento. Especialmente, agradeço a minha orientadora, Ritha Cordeiro, como foi especial tê-la comigo nessa jornada. Obrigada pela paciência e confiança, por sempre acreditar em mim, desejo tudo que há de melhor para sua vida, que Deus te abençoe grandiosamente e como você diz: Avante!

A minha banca, por terem aceitado meu convite, tão especial em fazer parte desse momento, levarei vocês em meu coração e na bagagem de estudos, sempre!

Por fim, a todas as pessoas que se disponibilizaram a participar deste estudo.

A todos vocês, meu muitíssimo obrigado!

“Muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do SENHOR permanecerá.” (Provérbios 19:21)

RESUMO

O reconhecimento da Libras enquanto língua natural da comunidade surda brasileira ocorreu apenas no início do século XXI, através da promulgação da Lei 10.436/02. Tal reconhecimento conferiu as pessoas surdas o direito de receberem instrução em sua língua natural, todavia, ainda falta esclarecimento a muitos docentes de Libras quanto ao desenvolvimento de materiais didáticos visuais para esse ensino. À vista disso, desenvolvemos essa pesquisa qualitativa de cunho bibliográfica objetivando, *investigar nos periódicos da CAPES e da UFPB dos últimos 10 anos (2013 – 2023) trabalhos científicos que abordem a elaboração de material didático visual para o ensino de Libras como L1*. Para captura dos dados, nos utilizamos dos seguintes filtros: *produção de material visual; ensino de Libras*. A partir desses filtros, foi possível selecionar três trabalhos que atendessem aos critérios de análise previamente estabelecidos. Instaurada a presença ainda muito tímida de trabalhos que abordem a temática aqui posta, apresentamos os materiais visuais desenvolvidos pela autora principal durante a feitura de algumas disciplinas do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, objetivando contribuir com as discussões do ensino de Libras a partir da visualidade. Os dados mostram que, apesar das pessoas surdas se constituírem através da visualidade, justificada pela modalidade linguística da Libras e o *input* visual, a produção de material didático que contemple essa subjetividade no processo de ensino de língua natural se apresenta timidamente, convidando a refletir sob quais práticas metodológicas as pessoas surdas são expostas no processo de aquisição dessa língua.

Palavras-chave: Materiais Didáticos Visuais; Pessoas Surdas; Libras.

ABSTRACT

The recognition of Brazilian Sign Language (Libras) as the natural language of the Brazilian deaf community occurred only in the early 21st century, through the enactment of Law 10.436/02. This recognition granted deaf individuals the right to receive instruction in their natural language, however, there is still a lack of clarification for many Libras teachers regarding the development of visual teaching materials for this purpose. In light of this, we conducted this qualitative bibliographic research aiming to *investigate scientific papers published in CAPES and UFPB journals from the last 10 years (2013-2023) that address the creation of visual teaching materials for teaching Libras as a first language (L1)*. To gather the data, we used the following filters: *production of visual material; and teaching of Libras*. Using these filters, it was possible to select three works that met the previously established analysis criteria. Given the still very limited presence of studies addressing this issue, we present the visual materials developed by the main author during the creation of certain disciplines in the Libras Language program at the Federal University of Campina Grande (UFCG), aiming to contribute to discussions on teaching Libras through visual means. The data demonstrate that despite deaf individuals being constituted through visuality, justified by the linguistic modality of Libras and visual input, the production of didactic material that addresses this subjectivity in the process of teaching a natural language remains scarce, prompting reflection on the methodological practices to which deaf individuals are exposed in the acquisition process of this language.

Key-words: Visual teaching materials; Deaf individuals; Libras.

LISTAS DE FIGURAS

- Figura 1 – Cartas com as configurações de mãos
- Figura 2 – Configurações de mãos
- Figura 3 – Jogo com as expressões faciais
- Figura 4 – Palavras representadas por imagens e datilologias
- Figura 5 – Jogos interativos
- Figura 6 – Vídeos sinalizados em Libras

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 - A ementa dos componentes curriculares citados

LISTAS DE TABELAS

- Tabela 1 - Trabalhos encontrados nos periódicos selecionados
- Tabela 2 - Registros dos trabalhos direcionados ao ensino de Libras
- Tabela 3 - Atividades elaboradas pela autora
- Tabela 4 - Detalhamento geral do trabalho selecionado para o Ensino de L1
- Tabela 5 - Detalhamento geral dos trabalhos selecionados para o Ensino de L1 e L2

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
ASL	Língua de Sinais Americana
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LSF	Língua de Sinais Francesa
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 O PERCURSO METODOLÓGICO	17
2.1 O corpus analítico.....	22
3 A ESSENCIALIDADE DA LIBRAS NA CONSTITUIÇÃO DA PESSOA SURDA....	24
3.1 A IMPORTÂNCIA DO MATERIAL VISUAL ENQUANTO POSSIBILIDADE METODOLÓGICA PARA ENSINO DE LIBRAS PARA PESSOAS SURDAS	31
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	34
4.1 PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS VISUAIS ORIUNDAS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DE LETRAS LIBRAS DA UFCG.....	39
5 CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS	51
ANEXOS	54

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objeto de estudo os materiais visuais para o ensino de Libras como L1 para as pessoas surdas como possibilidade metodológica. O processo de aprendizagem começa quando há um estímulo de motivação. Esse processo se dá no interior do sujeito, estando, contudo, fortemente ligado às relações que ele estabelece com os seus professores e colegas, as quais implicam na partilha de conhecimentos e vivências. A utilização de materiais didáticos visuais no processo educacional se tornou uma alternativa para o desenvolvimento e aprendizado de alunos. Nesse contexto, a didática e a visualidade podem ser utilizadas como mecanismo auxiliador, para os surdos, no processo de aprendizagem da Libras, visto que se trata de uma língua visual-espacial.

Na formação inicial em Letras Libras, algumas disciplinas nos direcionaram a criar nossos materiais pedagógicos. Assim, exploramos materiais didáticos visuais, visando engajar os alunos surdos, buscando motivar e facilitar seu ensino e aprendizagem. Focando na relevância desses materiais como estratégia metodológica no ensino de/para pessoas surdas.

Para desenvolver a presente pesquisa, partimos da seguinte inquietação: qual a importância da elaboração de materiais didáticos visuais para o ensino de Libras como primeira língua -L1? Dentre os objetivos, configura-se como objetivo geral *investigar nos periódicos da CAPES e da UFPB dos últimos 10 anos (2013 – 2023) trabalhos científicos que abordem a elaboração de material didático visual para o ensino de Libras como L1*, como específicos: *selecionar quantos trabalhos estão registrados no periódico da CAPES e da UFPB nos últimos 10 anos sobre material didático visual para o ensino de Libras como L1, categorizar quantas pesquisas trabalharam com a elaboração de materiais didáticos visuais e analisar, a partir dos dados coletados, a importância da elaboração de materiais didáticos visuais.*

Por isso, é de grande valia que a área da educação tenha o olhar voltado para as estratégias de ensino necessárias para alcançar tal aprendizado. Estratégias essas que levem em consideração a utilização de materiais visuais com a finalidade de que se torne habitual essa prática entre os professores, ocorrendo assim o aprendizado de fato desses alunos surdos. Conforme Campos (2013), o surdo percebe o mundo principalmente pelo visual e consegue se expressar plenamente através da língua de sinais, garantindo seu desenvolvimento intelectual, cultural e social. A língua de sinais fornece uma forma eficaz para o surdo compartilhar suas emoções e perspectivas.

A estruturação desse trabalho de conclusão de curso consiste em cinco capítulos, além desta *Introdução*, sendo: Capítulo 2 *O Percorso Metodológico*, abordando como procedemos à esta pesquisa e como se sucedeu o corpus de estudo, o capítulo 3 *A Essencialidade da Libras na Constituição da Pessoa Surda*, tendo um subtópico *A Importância do Material Visual Enquanto Possibilidade Metodológica para o Ensino de Libras para Pessoas Surdas*, nesse capítulo discutidos o reconhecimento da língua e os fundamentos pedagógicos que possibilitam o uso de materiais visuais, destacando seu impacto no processo de aprendizagem da comunidade surda. O capítulo 4 *Resultados e Discussões*, este capítulo examinará os trabalhos selecionados em que os materiais didáticos visuais foram implementados com êxito no ensino de Libras para pessoas surdas, havendo um subtópico *Produção de Materiais Didáticos Visuais Oriundas do Curso de Graduação de Letras Libras da UFCG*. E o último capítulo está destinado a *Conclusão*, a qual apresenta uma recapitulação sobre a perspectiva para a integração de materiais didáticos visuais no ensino de Libras para pessoas surdas.

Quanto à Metodologia empregada, registra-se uma abordagem qualitativa, partindo de pesquisas bibliográficas, buscando a efetividade dos materiais didáticos visuais no ensino de Libras.

Identificamos a partir dos dados, que a produção de materiais didáticos visuais para o ensino de Libras como L1 ainda se apresenta muito timidamente. Esse cenário pode apresentar um impacto significativo nas metodologias do ensino dessa língua que, sobretudo, se manifesta através da visualidade.

Portanto, diante dos achados, o presente estudo tem a finalidade apresentar algumas possibilidades de produção de materiais visuais para o ensino de Libras na perspectiva de língua natural elaborados pela autora principal. Em vista disso, evidenciamos a possibilidade de alcançar um aprendizado eficaz dos surdos, partindo do concreto para o abstrato (materiais visuais), tornando a aprendizagem clara e, ao mesmo tempo, analisando novas estratégias pedagógicas para o aprendizado do público-alvo em questão.

2 O PERCURSO METODOLÓGICO

O presente trabalho baseou-se com finalidade sobre a eficácia dos materiais didáticos visuais no ensino de Libras, com foco na experiência da pessoa surda, em uma abordagem qualitativa de caráter bibliográfico das possibilidades visuais no ensino de Libras em conformidade com a didática, onde objetiva contribuir com a produção e implementação de

métodos hipotético-dedutivos, a fim de propiciar um aprendizado eficaz da Libras, partindo do concreto para o abstrato (materiais visuais), tendo o propósito de tornar a aprendizagem clara. Paralelamente, ao explorar estratégias pedagógicas elaboradas para cada aluno surdo, buscase abordar suas necessidades específicas, promovendo uma compreensão mais firme e flexível.

Segundo Triviños (1987), a abordagem de cunho qualitativa concentra em trabalhar os dados buscando compreender seu significado, considerando a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. A descrição qualitativa procura não só a aparência do fenômeno, mas também desvendar suas características essenciais, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, além de antecipar possíveis consequências.

Para realizar esta pesquisa, inicialmente procedemos às pesquisas bibliográficas dos fundamentos teóricos que refletem acerca da problemática em questão, de acordo com Macedo (1994) a pesquisa bibliográfica “trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação” (p.13). Em um segundo momento, fizemos uma pesquisa nos periódicos da CAPES e da UFPB, inicialmente optamos pela CAPES devido à sua abrangência e volume significativo de publicações. No entanto, após uma pesquisa mais aprofundada, identificamos uma escassez de trabalhos relevantes, levando-nos a ampliar para o da UFPB, especialmente por ser uma Universidade que oferta o curso de Letras Libras há um tempo considerável. Visando um maior esclarecimento dos achados iniciais, a tabela que segue é esclarecedora.

Tabela 1: Trabalhos encontrados nos periódicos selecionados

Título	Nome do(s) autor(es)	Ano de Publicação
Antíteses, Díades, Dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961)	ROCHA, Solange Maria da.	2009

A pedagogia visual no ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para surdos	SILVA, Camila Michelyne Muniz da; SILVA, Jailma Dionísio da.	2021
Libras no curso de pedagogia: análise de fatores que interferem no processo de ensino-aprendizagem	FACUNDO, Josiane Junia; VITALIANO, Célia Regina.	2020
O uso do texto literário no ensino bilíngue e multimodal de português para crianças surdas – reflexões sobre a produção de um material didático	FREITAS, Luciana Aparecida Guimaraes de; MIRANDA, Dayse Garcia; SILVA, Renato Caixeta da.	2019
Currículo e material didático no ensino de línguas estrangeiras: reflexões e apresentação de uma proposta	TILIO, Rogério.	2023
Atividades pedagógicas no ensino fundamental para alunos surdos: produção de material didático de matemática para uma prática docente bilíngue	DIONYSIO, Renata Barbosa; OLIVEIRA, Willian Silva de.	2023
O processo de produção/adaptação de material didático de fonética e fonologia para deficientes visuais	MARQUES, Gabriela de Souza; ROMUALDO, Edson Carlos.	2015
Um olhar psicopedagógico na inclusão de um aluno surdo	OLIVEIRA, Leonor de Araújo Bezerra.	2018

Uma proposta para a produção de material didático de Língua Portuguesa com base no letramento visual para alunos surdos	MENDES, Elisângela Santos; OLIVEIRA, Rogério Soares de.	2016
Bingo de fração em Libras: desvelando um material pedagógico no ensino de matemática para estudantes surdos	OLIVEIRA, Ritianne de Fátima Silva de; COSTA, Walber Christiano Lima da.	2023
O uso dos recursos tecnológicos no ensino bilíngue para acadêmicos surdos	CEZAR, Kelly Priscilla Lóddo; FISHER, Katherine.	2020
Material didático visual no ensino de inglês como língua adicional para estudantes surdos	DIAS, Odon Bastos; SCHMIDT, Ana Paula Carvalho.	2018
A importância da Libras na educação infantil para crianças surdas e ouvintes: o que os estudos nos dizem	FERREIRA, Leidiane da Costa.	2021
Ensino de Libras em uma perspectiva educacional inclusiva: contribuições da formação do professor para as práticas pedagógicas	CABRAL, Júlia Beatriz de Almeida.	2022
O ensino de Libras na escola municipal Madre Trautlinde Areia (PB): uma análise da relevância do projeto de extensão “Educação especial	SILVA, Bruno Ferreira da.	2015

– um novo olhar para a pessoa com deficiência”		
O ensino de Libras para aluno surdo na APAE de Areia/PB: um estudo de caso	SILVA, Maria Janaína dos Santos.	2016
O uso do lúdico no ensino de Libras	MACENA, Williane da Silva; SANTOS, Maria de Fátima Silva.	2013
LibrasTube: um aplicativo para a criação de janelas de Libras sincronizadas com vídeos do youtube	SANTOS, Leandro Henrique de Souza.	2018

Fonte: elaborada pela autora

Sendo assim, utilizamos os tais filtros: *produção de material visual; ensino de Libras*, a partir desses filtros identificamos dezoito trabalhos, sendo doze no periódico da CAPES e seis na biblioteca da UFPB, destes trabalhos apenas seis são frutos de trabalho de conclusão de curso e dois artigos, nos quais estão direcionados ao ensino de Libras, os demais abrangem ensino de matemática, de química e de língua portuguesa. Desses oito trabalhos voltados ao ensino de Libras apenas um tem por foco ensino de Libras para pessoas surdas. Dos três trabalhos que vão compor a análise um é voltado para o ensino de L1 e dois de modo mais abrangente tem o ensino de L1 e L2, optamos de manter os três trabalhos apenas para considerar o ensino de Libras com o foco na pessoa surda. Por fim, discutimos a utilização do material visual enquanto possibilidade metodológica para o ensino de Libras.

Uma vez identificada a escassez de trabalhos que abordem a temática aqui posta, será apresentado algumas produções da autora principal que são oriundas dessas disciplinas e foram utilizados no estágio. Tais materiais foram produzidos e/ou orientados, principalmente, nas disciplinas, Fundamentos da Prática Educativa, Elaboração de Material Didático e Laboratório I e II, as quais foram cursadas pela autora principal durante o período 2019.1 de formação inicial no curso de Letras Libras da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. A partir de então, verificamos os materiais didáticos visuais: imagens, slides, jogos, vídeos, para que os alunos se sentissem estimulados e pudessem interagir, desenvolvendo o aprendizado e havendo trocas de conhecimentos.

Isto posto, escolhemos como *corpus* de estudo, os materiais visuais para o ensino de Libras como primeira língua (L1). Objetivando discutir a importância desses materiais enquanto possibilidade metodológica para o ensino de pessoas surdas.

O instrumento de coleta de dados foi pautado em pesquisa de levantamento em plataformas como citadas acima, em virtude da vivência do ensino de Libras como L1, a fim de atender às necessidades educacionais dos alunos.

Analisamos buscando compreender o significado dos dados coletados de uma forma contínua e contextualizada tendo como foco principal o interesse e o desenvolvimento dos alunos no conhecimento da Libras. Adquirindo tal autonomia, expandindo seus conhecimentos e exercendo atividades condizentes com a constituição subjetiva das pessoas surdas, a visualidade.

Quanto aos resultados obtidos da pesquisa, identificamos três trabalhos com a temática ensino de Libras, indicando que há escassez de materiais didáticos no ensino de/para pessoas surdas. A partir dos dados coletados, foi possível identificar que os alunos puderam aprender de uma forma lúdica e bem visual com subjetividade do jeito surdo de ser.

Com vistas a contribuir com um ensino de Libras que se pautar na visualidade, apresentamos algumas produções com essa premissa como possibilidade de (re)significar o ensino dessa língua enfatizando o input natural das pessoas surdas. E, ainda, comprovando a importância da visualidade no ensino desse público, evidenciando as condições apropriadas para a aquisição e construção de conhecimentos a partir de sua língua natural.

Portanto, a linguagem¹ visual como estratégia, se desejar orientar a pessoa surda de maneira autêntica, no seu processo de crescimento social, cultural e educacional. Essa é uma forma capaz de se adaptar às construções que a pessoa surda desenvolve, a partir das experiências visuais da língua e do conhecimento.

Na seção seguinte, apresentaremos as categorias teóricas que nortearam a construção do estudo aqui apresentado.

2.1 O *corpus* analítico

De acordo com os nossos objetivos, o nosso recorte analítico conta com três trabalhos científicos direcionados a elaboração de material visual para ensino de Libras para pessoas

¹ É qualquer forma de expressão utilizada pelas pessoas para se comunicar (Quadros, 2019).

surdas. Para melhor entendimento, a tabela abaixo representa estes trabalhos que sucederão nessa pesquisa.

Tabela 2 – Registros dos trabalhos direcionados ao ensino de Libras

Título	Nome(s) do(s) Autor(es)	Ano de Publicação
A Produção de Vídeos como Materiais Didáticos para Ensino de Libras como Segunda Língua	CARVALHO, Thaís Rafaela de; GEDIEL, Ana Luísa Borda.	2020
O Ensino de Libras para um Aluno Surdo na APAE – Areia/PB: um estudo de caso	SILVA, Maria Janaína dos Santos.	2016
A Importância da Libras na Educação Infantil para Crianças Surdas e Ouvintes: o que os estudos nos dizem	FERREIRA, Leidiane da Costa.	2021

Fonte: elaborada pela autora

Analizamos a relação e a percepção das pessoas surdas quanto aos materiais didáticos visuais no processo de aprendizagem, bem como perceber a perspectiva dos educadores sobre a eficácia desses materiais.

Em um segundo momento, apresentamos os materiais visuais que foram elaborados pela pesquisadora principal desse estudo com vistas a contribuir com o entendimento desse tipo de produção para o ensino de Libras para as pessoas surdas. Abaixo uma tabela com algumas informações desses materiais.

Tabela 3 – Atividades elaboradas pela autora

Quantidade de Materiais	Disciplinas em que foram produzidos e aplicados	Faixa Etária dos Alunos Surdos
7	Fundamentos da Prática Educativa; Elaboração de Materiais Didáticos; Laboratórios I e II	Especialmente nos ensinos fundamentais, médio e superior

Fonte: Elaborada pela autora

Ao analisar o *corpus* apresentado nas tabelas, surgem ideias distintas que iluminam nossa compreensão sobre a utilização de materiais didáticos visuais. Essas informações são cruciais para identificar correlações e interpretações de forma mais abrangente sobre o ensino de Libras, contribuindo assim para a evolução do conhecimento para pessoas surdas.

3 A ESSENCIALIDADE DA LIBRAS NA CONSTITUIÇÃO DA PESSOA SURDA

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é uma língua visual-espacial articulada por meio das mãos, das expressões faciais e do corpo. É uma língua natural usada pela comunidade surda brasileira (Quadros, 2004).

Esta língua teve o seu reconhecimento oficial no Brasil em abril de 2002 através da Lei 10.436/02, “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados” (Brasil, 2002, p.1).

O reconhecimento dessa língua, enquanto natural das pessoas surdas, foi atravessado por negação de direitos sociais e educacionais. Atrrelado a isso, tem-se barreiras comunicativas oriundas da ausência da legitimidade da LIBRAS enquanto língua visual-espacial. Sabe-se que esta língua é *sine qua non*² do desenvolvimento social, cognitivo e ampla participação social de surdos no Brasil.

A partir de um resgate histórico é possível entender as condições extremas vivenciadas ao longo do tempo. Desde antiguidade podemos falar que os gregos e romanos não consideravam os surdos como seres pensantes. Moura (2000) evidencia o pensamento da época, “[...] o pensamento não podia se desenvolver sem linguagem e que esta não se desenvolvia sem a fala. Desde que a fala não se desenvolvia sem a audição, quem não ouvia, não falava, não pensava, não podendo receber ensinamentos e, portanto, aprender” (p.16). Desse modo, as pessoas surdas eram isoladas do convívio social pela falta de capacidade em se comunicar através da língua visual.

Assim, os surdos que não conseguissem se comunicar através da fala oral, tal como as pessoas ouvintes se comunicam, estariam privados de tais direitos, como por exemplo, reconhecimento enquanto ser humano, utilização da língua de sinais, entre outros direitos civis. Em suma, para a sociedade as condições básicas de existências de surdos não era algo que necessitasse de atenção ou implementação. Nesse sentido, a pessoa surda não era reconhecida

² Indispensável; essencial.

perante a lei. “A linguagem facilita os meios, embora não represente garantia para retirar cidadãos do lugar à margem da sociedade organizada” (Mollica, 2007, p.12,13).

No entanto, a língua de sinais é concebida como a língua natural das pessoas e como canal apropriado para desenvolver o pensamento e a comunicação, ou seja, o domínio dessa língua é instrumento para o desenvolvimento e a essencialidade na constituição das pessoas surdas. Segundo Goés (1999) a aquisição de uma língua envolve de certa forma, a capacidade de atribuir significados ao mundo, permitindo uma compreensão mais profunda das nuances culturais que ela reflete. Dessa maneira, o aprendizado de uma língua é um mergulho não apenas nas estruturas linguísticas, mas também nas complexidades culturais que ela constitui. Sendo assim, é fundamental apreender o outro na sua dignidade, nos seus direitos e, sobretudo, na sua diferença.

Na Idade Moderna, no século XVI, estudos mostram que os surdos podiam receber instruções, segundo o médico italiano Girolamo Cardano (1501-1576), muitos educadores procuraram criar condições para que a pessoa surda pudesse ser ensinada a ler e escrever sem falar como foi o caso de Pedro Ponce de Leon, Juan Pablo Bonet, Abade Charles Michel de L’Epée dentre outros.

A maioria desses educadores buscaram alternativas para atender demandas da sociedade como foi o caso de Ponce de Leon, que ensinou os surdos a falar, ler, escrever, dentre outras habilidades. Para Abade L’Epée um dos grandes méritos foi ter reconhecido que a língua de sinais existia e servia como base comunicativa essencial entre as pessoas surdas, que através dessa língua montou o seu próprio sistema para ensiná-los e colocou as pessoas surdas na categoria humana, considerando suas identidades.

Abade L’Epée fundou a primeira escola pública para as pessoas surdas e publicou sobre o ensino para estas, por meio de sinais metódicos³, segundo Strobel (2009) L’Epée colocou as regras sintáticas e também o alfabeto manual inventado por Pablo Bonnet. A fim de aprender o meio de comunicação e levar a efeito os estudos sobre a língua de sinais.

De acordo com Strobel (2009) em 1855, a convite de Dom Pedro II, o professor francês E. Huet chega ao Brasil, no estado do Rio de Janeiro, aceitando a proposta de ensinar a língua de sinais aos surdos brasileiros, dando a chance de serem reconhecidos como cidadãos. Em 1857, foi fundada a primeira escola para pessoas surdas no Brasil, que tinha por nome Instituto Nacional de Surdos-Mudos, hoje conhecida como Instituto Nacional de Educação de Surdos –

³ Consistem da combinação da Língua de Sinais com a gramática sinalizada francesa LSF (GOLDFELD, 2002).

INES. Após anos, a comunidade surda foi desafiada pela imposição do método oralista, comprometendo todo o trabalho desenvolvido anteriormente.

Diante do exposto, é possível identificar momentos de oscilação quanto à educação de pessoas surdas. Isto se dá pelo fato de que alguns períodos eles obtiveram a conquista de se expressarem e se comunicarem por meio da língua gestual⁴, possibilitando alguns direitos básicos sociais, como a educação. Mas, em outros decursos temporais, perderam totalmente o direito de uso da gestual, e lhes foi imposto à comunicação oral. Tal fato estava posto como condição obrigatória para obtenção de direitos civis básico, haja vista a existência em uma sociedade centrada no modelo comunicativo oral.

No Congresso de Milão realizado em 1880, o método oral puro foi proclamado superior ao uso de sinais, gerando intenso debate entre educadores ouvintes e surdos (a estes não foi permitido votar), em defesa do oralismo e da língua de sinais, tendo esta última sido batida na preferência da grande maioria dos professores ouvintes. Uma das consequências desse congresso foi a demissão de professores surdos e sua eliminação como educadores (Moura, 2000). O congresso não focou exatamente em abordagens ensino linguístico, mas sim em enfatizar a substituição da língua de sinais pela língua oral.

A Idade Contemporânea trouxe a visão clínica ou patológica, que compreendia a surdez como doença em busca de cura, “[...] equivocada quanto aos seus princípios, que procurava a todo custo acabar com aquilo que não podia ser tratado, curado na maioria das vezes” (Moura, 2000, p.26). De acordo com esta visão, as pessoas surdas foram consideradas incapazes de se comunicar, a única forma de *salvá-las* seria através do uso da fala oral.

Para Goldfeld (1997) acreditava-se que o oralismo era o método apropriado para a educação de surdos, trazendo a ideia equivocada de que, com a existência da língua gestual, haveria um comprometimento no aprendizado da língua oral. Esta última recebeu supremacia em detrimento a comunicação gestual no desenvolvimento da pessoa surda. A possibilidade da evolução da fala dessas pessoas e a necessidade de se abolir completamente a língua de sinais para poder proporcionar o *verdadeiro* desenvolvimento da fala (Lulkin, 1998).

O oralismo, ou filosofia oralista, usa a integração da criança surda à comunidade de ouvintes, dando-lhe condições de desenvolver a língua oral (no caso do Brasil, o Português). “O oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada através da estimulação auditiva” (Goldfeld, 1997, p.30,31). Desse modo, as ideias pregadas pelo oralismo

⁴ Na época em questão, a língua de sinais ainda não era reconhecida como uma língua natural com suficiência comunicativa.

orientavam que os surdos deveriam ter uma identidade comum com os ouvintes, ou seja, a língua.

De acordo com Strobel (2009), no começo do século XX já se ouvia falar dos insucessos do oralismo, trazendo consigo outras conotações para os surdos, quando não progrediam na oralidade, eram considerados deficientes mentais. Essa observação indica que a questão da surdez e seus impactos era atribuída diretamente ao próprio surdo.

Somente a partir de 1960 a língua de sinais começou a ser reconhecida, especialmente depois dos trabalhos de William Stokoe, linguista americano, que retomou a questão dos sinais e apresentou a língua de sinais, como uma língua legítima, com estrutura própria. “Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a Língua de Sinais Americana (ASL) atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 30). Foi baseado nesses estudos que as línguas de sinais no mundo todo passaram a ser reconhecidas enquanto língua natural de pessoas surdas.

O final do século XX e o início do século XXI parecem ter criado novas oportunidades para a reconstrução da história cultural dos surdos, tais como, a valorização da língua de sinais e a possibilidade de construção da identidade surda, decorrentes do respeito às diferenças.

A Educação de pessoas surdas e a Língua de Sinais vêm sendo amplamente discutida e investigada nos últimos anos, especialmente, por profissionais envolvidos com a efetivação dessa educação, como também pela própria comunidade surda. Segundo Moura (2000), a educação e inserção social dos surdos constituem um sério problema, como a falta de acessibilidade da língua, poucos professores proficientes da língua de sinais e poucas estratégias no ensino através da visualidade. Muitos caminhos têm sido adotados na busca de uma solução. A oficialização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) em abril de 2002 (Brasil, 2002) começa a abrir novos caminhos, a partir da aquisição de uma língua, a criança começa construir sua própria subjetividade, pois ela terá recursos para participar ativamente no processo dialógico de sua comunidade. Isso envolve compartilhar pensamentos, trocar ideias, sentimentos, compreendendo o que se passa em seu meio e adquirindo, então, novas perspectivas sobre o mundo (Vygotsky, 1989).

O processo de aquisição da Língua de Sinais por alunos surdos é uma temática complexa, por ser uma língua considerada de minorias. Outro agravante é a não presença desta língua no currículo da educação básica regular, tal qual a língua inglesa e espanhola, em vista disso merece maior debate no meio científico.

Estudos linguísticos⁵ apontam para a importância da oferta de melhores oportunidades de interação, comunicação e domínio da Língua de Sinais como forma de mediação para o acesso ao conhecimento e promoção da aprendizagem de alunos surdos.

Os estudos de Quadros (2004) sinalizam que, quanto mais cedo a criança interagir com pessoas surdas ou com usuários de Libras, melhor será seu repertório linguístico. O reconhecimento da Libras como língua oficial da comunidade surda em nosso país é um desenvolvimento recente. A Lei 10.436/02, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão das pessoas surdas e traz em seu bojo a seguinte definição:

Entende-se que a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002).

Antes desse reconhecimento legitimado pela Lei, as pessoas surdas tinham o seu direito linguístico fragilizado ocasionando, mais facilmente, as inúmeras intervenções ouvintistas no âmbito educacional. O reconhecimento da língua natural das pessoas surdas acarretou em uma conquista importante, uma vez que a subjetividade humana se constrói em torno da língua. É através da língua que percebemos, modificamos e participamos no mundo ao nosso redor tornando-o mais habitável (Perlin, 2004).

Dada a estrutura de sua língua natural, as pessoas surdas são essencialmente visuais o que, inevitavelmente, refletem na necessidade de compreender que, em contexto escolar, os professores se deparam com a coexistência de línguas de ordens gramaticais distintas. Esse entendimento pode mudar todo o processo de aprendizagem das pessoas surdas, negativa ou positivamente.

No quesito cultura surda, entendemos com Strobel como “[...] o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com suas percepções visuais [...]” (2008, p. 24) e que a identidade surda se efetiva conforme a relação que o surdo assume dentro da sociedade, dependendo de sua ligação com a cultura surda. Para as pessoas surdas elas não se distinguem uma da outra de acordo com a surdez, e sim pelo pertencimento ao povo surdo por meio do uso da língua de sinais e da cultura surda, que contribuem para moldar suas identidades.

⁵ KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004a; QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

Associado a cultura, tem-se a constituição de identidades surdas que se efetivam conforme a relação que as pessoas surdas assumem dentro da comunidade surda que é, principalmente, formada por seus pares. Pois, de acordo com Hall (2006), o sujeito pós moderno assume uma identidade fluída e contingencial.

Segundo Perlin, as identidades podem ser definidas como:

Identidade fluída, na qual o surdo se espelha na representação hegemônica do ouvinte, vivendo e se manifestando de acordo com o mundo ouvinte;

Identidade inconformada, na qual o surdo não consegue captar a representação da identidade ouvinte, hegemônica, e se sente numa identidade subalterna;

Identidade de transição, na qual o contato dos surdos com a comunidade surda é tardio, o que os faz passar da comunicação visual-oral (na maioria das vezes truncada) para a comunicação visual sinalizada – o surdo passa por um conflito cultural;

Identidade híbrida, reconhecida nos surdos que nascem ouvintes e se ensurdecaram e terão presentes as duas línguas numa dependência dos sinais e do pensamento na língua oral;

Identidade surda, na qual ser surdo é estar no mundo visual e desenvolver sua experiência na Língua de Sinais. Os surdos que assumem a identidade surda são representados por discursos que os veem capazes como sujeitos culturais, uma formação de identidade que só ocorre entre os espaços culturais surdos (Perlin, 1998, apud Salles et al. p. 41, grifo nosso).

O conceito de identidades surdas é heterogêneo, havendo desde de pessoas surdas que se posicionam politicamente em favor de direitos civis e sociais e que vivem e valorizam a sua cultura até os que se espelham na cultura ouvinte como um modo mais adequado de vida. Acreditamos que este último perfil de comportamento reflete os impactos sofridos por parte das pessoas surdas serem consideradas como seres de ausências. Durante muito tempo, se estendendo até a atualidade, a pessoa ouvinte foi/é vista como um modelo a ser seguido. Assim, é comum identificar em algumas pessoas surdas à busca pela aproximação do perfil ouvinte, talvez como forma de sobrevivência em uma sociedade essencialmente organizada a partir da audição.

A cultura surda busca incessantemente promover adaptações nas diversas instituições culturais, visando criar/tornar um ambiente vivível e acessível de forma que suas necessidades sejam plenamente atendidas e satisfeitas.

Entendendo esses pressupostos teóricos, o docente começa a produzir suas aulas pensando nos métodos adequados ao ensino dos discentes surdos, libertando-se dos preconceitos que há construído em relação à educação das pessoas surdas. A percepção das coisas é diferente, a língua é diferente e os resultados disso também são diferentes. É impossível demonstrar apreço por essa disparidade sem ao menos adquirir um conhecimento mínimo a seu respeito, sem se tornar sensível a ela. Isso implica em reconhecer tanto a si mesmo quanto aos

outros em suas diferenças, ou seja, como indivíduos com modos distintos de perceber o mundo e se comunicar, resultando em diferentes formas de compreensão de ideias e expressão de pensamento.

Para que as pessoas surdas possam reconhecer sua identidade surda é importante que estabeleça o contato com a comunidade surda, para que realize sua identificação com a cultura, os costumes, a língua, e em particular a singularidade de sua condição. Por intermédio das relações sociais, o sujeito tem possibilidade de aceção e representação de si próprio e do mundo, definindo suas características e seu comportamento diante dessas vivências sociais.

De acordo com Souza (1998), a partir do momento em que os surdos passaram a se reunir em escolas e associações e se constituíram em grupo por meio de uma língua, sucederam possibilidades de refletir sobre um universo de discursos sobre eles próprios, e com isso conquistaram um espaço favorável para o desenvolvimento ideológico da própria identidade. De um modo geral, a identidade surda refere-se a como um indivíduo se relaciona ou se identifica com a comunidade surda e consigo mesmo.

No momento em que a criança adquire sua língua materna, ela se torna capaz de realizar o aprendizado de uma segunda língua, tornando-se um ser bilíngue. Tal bilinguismo não se configura opcionais para as pessoas surdas. Visto que a legislação que reconhece a Libras enquanto língua natural das pessoas surdas é a mesma que prevê a escrita em Língua Portuguesa na modalidade escrita (Brasil, 2002).

Pesquisas apontam que no Brasil 95% das pessoas surdas nascem em um lar ouvinte (Felipe, 2006). A ausência do contato com a língua natural na infância pode acarretar prejuízos linguísticos ao longo da vida. A negação do contato que viabiliza a aquisição da língua natural ocasiona, por vezes, a exposição apenas a uma língua oral não sendo possível se desenvolverem satisfatoriamente com esta.

A língua de sinais tem um papel significativo na vida do indivíduo surdo, conduzindo-o, por intermédio de uma língua estruturada para um desenvolvimento pleno. Harrison (2000) refere que essa língua fornece para a criança surda a oportunidade de ter acesso à aquisição de linguagem e de conhecimento de mundo e de si mesma.

Dessa forma, na ocasião em que, William Stokoe e Ferreira-Brito demonstraram que a língua de sinais é uma língua como qualquer outra, com todas as características das línguas orais e que seriam adquiridas naturalmente pela pessoa surda. A educação de pessoas surdas deve ser bilíngue, ou seja, ela deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural das pessoas surdas e, como segunda língua, a língua oficial de seu país na modalidade oral e/ou escrita.

Contudo, segundo Quadros (1997), o bilinguismo envolve muito além da presença de duas línguas no contexto educacional de aprendizes surdos, pois defende o surdo como um sujeito bilíngue e bicultural, assumindo suas especificidades linguísticas, culturais e identitárias. É necessário entendermos que o canal comunicativo que o surdo utiliza para se comunicar é visual-espacial. E possui todos os componentes linguísticos que uma língua necessita, seja no campo fonológico, morfológico, sintático ou semântico. Além disso, faz parte da estrutura da Libras a visualidade, bem como importância no aprendizado e no desenvolvimento para as pessoas surdas na Língua de Sinais. Acerca da visualidade enquanto essencial para a aprendizagem de pessoas surdas, discutiremos no tópico seguinte.

3.1 A IMPORTÂNCIA DO MATERIAL VISUAL ENQUANTO POSSIBILIDADE METODOLÓGICA PARA ENSINO DE LIBRAS PARA PESSOAS SURDAS

A surdez, concebida como experiência visual (Skiliar, 1999) desestabiliza ideias preconcebidas sobre o padrão da normalidade ouvintista. Tal experiência visual se traduz em todos os tipos de significações, representações e/ou produções, seja no campo intelectual, linguístico, ético, estético, artístico, cognitivo, cultural, etc. Assim, o uso do material visual no processo de aprendizagem da pessoa surda é marca constitutiva desse sujeito e é definida pela experiência visual.

Ao conceber a surdez como uma experiência visual, reconhecemos a importância dos materiais visuais no ensino e na comunicação das pessoas surdas. Isso destaca a necessidade de oferecer suporte e materiais visuais adequados para garantir a igualdade de oportunidades para estes. Privilegiando os aspectos visuais dos recursos, de forma a ressaltar a característica visual do aluno surdo, permitindo maior identificação com os conteúdos e os materiais.

Segundo Chartier (2002) o material didático pode ser definido amplamente como produtos pedagógicos utilizados na educação e, especificamente, como o material instrucional que se elabora com finalidade didática, ou seja, vincula-se ao tipo de suporte que possibilita materializar o conteúdo. Pode-se utilizar imagens, jogos, vídeos, exposições, apostilas, expressões.

Portanto, o material visual desempenha um papel fundamental na comunicação e no desenvolvimento educacional das pessoas surdas, tornando-se uma ferramenta pedagógica poderosa para a compreensão e expressão de informações. As pessoas surdas precisam ser compreendidas como indivíduos visuais e isto está diretamente ligado à língua de sinais e à sua cultura, que se manifesta visuo-espacialmente. Uma vez compreendida essa especificidade

linguística, os materiais, estratégias e ferramentas educacionais que se pautem na visualidade possibilitam um processo de ensino de aprendizagem mais adequado e justo para as pessoas surdas.

Nesse sentido, o material visual se apresenta como um apoio didático eficaz para apropriação do conhecimento por parte do aluno surdo, uma vez que a visualidade considerada a particularidade da pessoa surda com vistas a propiciar a significação do conteúdo que o aluno está exposto, “transformando as palavras, as frases, as significações, os signos, outros signos, signos visuais, ou seja, em ‘palavras visuais’, em imagem, porque isso facilita muito para os surdos” (Campello, 2007 p.110). Favorecendo a criação de um contexto inclusivo mais adequado às especificidades desses alunos surdos, oferecendo uma forma visual de acesso ao conhecimento.

Entendemos que a utilização do material didático visual deve estar associada a uma boa didática, pois deve proporcionar o desenvolvimento do aluno nas suas capacidades críticas e reflexivas sobre a realidade do ensino, estimulando que o aluno construa seu próprio saber. Para Paulo Freire (1996), a didática incentiva uma reflexão metodológica para que os educadores assumam uma abordagem pedagógica libertadora e dinamizadora dos ambientes educativos. Uma boa didática requer a compreensão de um método teórico visando à resolução de uma série de desafios concretos e práticos.

É importante lembrar que a didática, assim como língua, se desenvolve nas relações entre professor e alunos. Segundo alguns autores que embasam teorias e práticas educacionais, por exemplo, Oliveira (2015, p.19) enfatiza que “a didática organiza e otimiza as relações de ensino e aprendizagem, e segue as necessidades dos tempos e da realidade na qual se desenvolve”. Por meio dessa abordagem, o professor leva o sujeito rumo ao encontro do conhecimento e preserva a construção e a constituição da sua cultura e sua identidade.

No campo da didática cabe ao educador valer-se da linguagem visual como estratégia para propiciar aos alunos surdos significação quanto ao material/conteúdo exposto, a fim de contribuir efetivamente com a aquisição do conhecimento socialmente construído pela humanidade. Defendemos que esse caminho pedagógico é realmente eficaz por tomar as experiências visuais para produção de sentido do que é ensinado.

[...] o pensamento representativo do surdo é fruto da capacidade em lidar com as imagens constituídas de significantes e significados (combinação de formas e conceitos), onde a representação visual desempenha uma função essencial na confrontação de experiências e na construção de modelos de raciocínio, formulando a união entre interpretação, imaginação e experiência visual direta (Marques, 1999).

No âmbito da educação, a fim de promover verdadeiramente uma educação que faça sentido para o aluno surdo, entendendo a singularidade e o processo que cada aluno passa, é essencial adotar um ensino significativo não apenas no conteúdo, mas também dando apoio aos materiais didáticos ampliando todo o aprendizado. Em resumo, o professor de Libras tem um papel essencial no ensino para pessoas surdas, proporcionando-lhes acesso à língua, melhorando a comunicação e a aquisição de conhecimento, desenvolvendo habilidades linguísticas, adaptando materiais e promovendo a cultura surda. Sabe-se que a construção para essa atuação pedagógica implica em repensar, avaliar e transformar.

Ressaltamos a importância de um currículo culturalmente situado. Acreditamos que o currículo se constitui nas relações que ocorrem nos espaços, uma vez que o conhecimento acontece a partir das interações entre as pessoas possibilitando diferentes construções e produções. Nesse sentido, segundo Silva (1996), o currículo é construído e constrói num processo dinâmico, emergindo das interações entre os participantes envolvidos, professores, alunos e as atividades realizadas por eles que se transformam influenciando-se mutuamente.

Em suma, um currículo flexível e centrado no aluno é a construção de cada um como sujeitos, é uma forma de representação que produz identidades culturais, fornecendo significados que posicionem os alunos e deem sentido ao que estão aprendendo e fazendo. Assim, há que pensar em currículo de/para surdos que tenha por base a língua de sinais e o despertar da visualidade, sobretudo, um currículo que ofereça o acesso do aluno surdo às estratégias visuais de leitura e de compreensão do mundo.

A visualidade oferece ao surdo o desenvolvimento de conhecimentos específicos, dependentes de regras e funções discursivas referentes ao imaginário e ao linguístico. Assim, a imagem e a visualidade são a linguagem fundamental para o surdo, tanto para a função de verificação perceptiva e representação, quanto para o desempenho na reflexão e na elaboração de estratégias de pensamento e ação (Marques, 1999).

Nota-se a importância da visualidade e da comunicação visual na mediação e sistematização das informações, proporcionando naturalmente a aquisição, construção e a expressão de conhecimentos, valores e vivências que, de outras maneiras, seriam incomunicáveis, assegurando ainda ao aluno surdo, o equilíbrio entre as operações do pensamento e a expressão de ideias.

Assim, é premente a necessidade e a importância do material visual como possibilidade metodológica para o ensino dessas pessoas, a elaboração de material didático voltado à educação de surdos, em todas as fases da educação e para cada campo do conhecimento humano. É necessário metodologias e estratégias que privilegiem o uso da Língua de Sinais,

uma vez considerada língua de instrução, objetivando melhorar significativamente o entendimento e o modo surdo de ser, contemplando a experiência visual desses sujeitos para serem protagonista do seu próprio aprendizado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Consideramos como já havíamos dito nos tópicos anteriores, a grande importância da visualidade no ensino para pessoas surdas, visto que a visualidade desempenha um papel crucial no aprendizado destes, e compreender sua relevância é essencial, sendo a chave para desvendar os caminhos do ensino e aprendizagem. A diversidade cultural das pessoas surdas está marcada fortemente pela língua de sinais, pois a língua é uma prática social que carrega cultura e estabelece identidades (Quadros, 2019). É nesse panorama que reconhecemos o quão fundamental é entender e abranger a visualidade nas estratégias de ensino direcionadas às pessoas surdas.

De forma didática vamos retomar os nossos objetivos, como geral, *investigar nos periódicos da CAPES e da UFPB dos últimos 10 anos (2013 – 2023) quais trabalhos científicos que abordem a elaboração de material didático visual como ensino de Libras para L1*, como específicos *selecionar quantos estão registrados no periódico da CAPES e da UFPB nos últimos 10 anos sobre material didático visual para o ensino de Libras como L1, categorizar quantas pesquisas trabalharam com a elaboração de materiais didáticos visuais e analisar, a partir dos dados coletados, a importância da elaboração de materiais didáticos visuais.*

Na tabela 3, passaremos à análise dos dados encontrados:

Tabela 4 - Detalhamento geral do trabalho selecionado para o Ensino de L1

Temática: Ensino de Libras como L1		
Título	Ano de Publicação	Qual tipo de material?
O Ensino de Libras para um Aluno Surdo na APAE – Areia/PB: um estudo de caso	2016	Uma simples adaptação de material didático

Fonte: Elaborada pela autora

Esta tabela mostra os trabalhos encontrados com a temática “Ensino de Libras como L1”, o texto originou-se de um projeto de extensão no qual impulsionou a familiarização do aluno surdo com a língua de sinais, aprimorando sua capacidade de comunicação, integração

social e aprendizagem. O principal foco é o aluno surdo na APAE, embora as percepções podem ser aplicadas com outros alunos surdos em diferentes contextos, o conteúdo foi produzido para investigar e refletir sobre as práticas pedagógicas empregadas no ensino de Libras para um aluno surdo em uma unidade da APAE, abordando o ensino de Libras para alunos surdos, a importância dos materiais didáticos visuais, os desafios da comunicação em Libras, e a integração da família no processo do aprendizado. O nível educacional específico do aluno surdo não foi detalhado, mas pela descrição, pode-se deduzir que é a educação básica do ensino fundamental.

A pesquisa destaca a crucial necessidade de materiais visuais no ensino para alunos surdos, ressaltando os benefícios para o conhecimento e comunicação. Para o público em questão, os ensinamentos que tomam o visual são mais apropriados se comparados aos materiais escritos para o processo de ensino e aprendizagem., haja vista o *input* visual (Alves, 2020) que para pessoas surdas exerce um papel central na comunicação. A língua de sinais, e para essa discussão, a Libras, se estabelece a partir de *input* visual, haja vista o fato de sinais, expressões faciais e movimentos corporais serem utilizados para efetivar a produção enunciativa. Como Lima (2006) diz os recursos visuais ajudam na compreensão e na aprendizagem significativa do aluno surdo. Assim, a utilização de materiais visuais no ambiente educacional potencializa o entendimento e impulsiona um aprendizado mais profundo.

A partir da investigação, foi mencionado que os meios didáticos utilizados para ensinar o aluno surdo da APAE foram jogos adaptados interativos com desenhos de objetos em Libras e a imagem correspondente, além de dinâmicas simples e um jogo da memória, percebe-se que, embora haja esforços para ensinar Libras, há desafios, como a falta de materiais didáticos específicos. No entanto, a introdução de materiais visuais teve um impacto positivo no processo da aprendizagem.

Contudo, é importante destacar a relevância do ensino e da utilização de materiais visuais para a comunicação e interação de pessoas surdas, especialmente no ambiente educacional. Há ênfase na necessidade de promover um aprendizado eficaz para o aluno surdo. Percebemos os desafios enfrentados por alunos surdos e o quanto que a eficácia dos materiais aplicados foi evidente.

Na tabela 5 daremos continuidade às análises dos dados:

Tabela 5 - Detalhamento geral dos trabalhos selecionados para o Ensino de L1 e L2

Temática: Ensino de Libras como L1 e L2		
Título	Ano de Publicação	Qual tipo de material?
A Produção de Vídeos como Materiais Didáticos para Ensino de Libras como Segunda Língua	2020	Produção de material didático
A Importância da Libras na Educação Infantil para Crianças Surdas e Ouvintes: o que os estudos nos dizem	2021	Adaptação de material didático

Fonte: Elaborada pela autora

Muito embora o foco da pesquisa esteja relacionado ao ensino de Libras para pessoas surdas como L1, optamos por manter as análises desses trabalhos porque apesar de trazerem a perspectiva da Libras como L2 também apresentam a perspectiva da Libras como L1.

Por fim, abordamos as duas temáticas *Ensino de Libras como L1 e L2*, conforme Quadros (2019), as abordagens para ensinar L1 e L2 diferem consideravelmente. No ensino de L1, “diversos elementos particulares das línguas de sinais” emergem no processo, incluindo “uso de espaço gramatical que inclui o estabelecimento nominal; o sistema verbal; as mudanças de direções dos olhos e do corpo; as modulações dos sinais; o uso de classificadores; marcas temporais” (p.158). Por outro lado, no contexto de L2, as competências linguísticas se concentram em “perceber e expressar, bem como ler e escrever na língua de sinais” (p.163). Assim, para os alunos ouvintes, a Libras, apresenta uma modalidade distinta em comparação ao aprendizado de uma segunda língua oral/falada.

O primeiro trabalho da tabela 5, foi produzido para discutir e destacar a escassez e limitações dos materiais didáticos para ensinar Libras, e apontar a necessidade de desenvolver recursos que considerem as especificidades visual-espacial da língua. A discussão parece ser de nível acadêmico, dada a citação de vários estudos e pesquisadores no campo da educação de Libras e Linguística.

Tendo seu foco o debate sobre os materiais didáticos para o ensino de Libras como uma segunda língua, com enfoque particular nos materiais visuais, nesse caso, sendo uma produção de material didático através de um gênero discursivo em vídeo.

Examinando as transformações no ensino da Libras após seu reconhecimento legal no Brasil, com foco nas metodologias e materiais didáticos. Albres (2012) destaca a crescente dos materiais didáticos após a valorização legal da Libras, apesar das limitações. O texto aponta e discute por meio de vídeos em Libras, concluindo-se que o uso de tais materiais contribui para o oferecimento de uma educação que contemple as questões linguísticas das pessoas surdas

O segundo trabalho analisa a contribuição da Libras como L1 no ensino infantil de crianças surdas e, ainda, saber qual a retribuição de professores no âmbito da inclusão destas crianças, por meio de materiais criativos, que contenham figuras, materiais lúdicos, painéis, dentre outros, através de uma adaptação.

Ao promover a interação entre alunos surdos e alunos ouvintes, os materiais visuais podem servir como ferramentas complementares para facilitar a comunicação e a compreensão. Por exemplo, ao usar uma imagem para representar um conceito dos conteúdos ensinados, tanto alunos surdos quanto os alunos ouvintes podem ter uma compreensão compartilhada desse conceito.

A relevância de inserir materiais didáticos visuais no âmbito educacional, particularmente no que diz respeito ao ensino e a aprendizagem da Libras, conclui-se que a aplicação de materiais visuais tem o potencial de aprimorar a experiência das pessoas surdas.

Em suma, os trabalhos que foram foco dessa análise fornecem uma visão detalhada das percepções de alunos e professores sobre o uso de materiais didáticos visuais no ensino de Libras. Nota-se que há uma variedade de preferências quando se trata do tipo de material visual utilizado. Enquanto alguns autores valorizam os vídeos devido a possibilidade de visualizar a correta execução dos sinais, outros destacam as imagens, as figuras ou os jogos como ferramentas úteis para o desenvolvimento.

Em geral, os trabalhos selecionados contribuíram ao benefício dos materiais visuais, indicando uma percepção positiva sobre a utilidade desses materiais no processo de aprendizado e ensino de Libras. Observando que a maioria deles expressaram que materiais visuais facilitam o processo de ensino, tornando as aulas mais dinâmicas e significativas às pessoas surdas.

Os resultados estão em concordância com estudos anteriores que destacam a importância de materiais visuais no ensino de língua de sinais, pois tanto a língua alvo como as pessoas surdas são, essencialmente, visuais (Alves, 2020). Materializados nos dados analisados em vídeos, diálogos e imagens, ou através de gêneros, jogos e alfabeto em Libras e/ou também mediante às figuras, materiais lúdicos e plataformas, proporcionando amplo benefício ao público-alvo ao qual as pesquisas analisadas se destinaram.

Sendo atribuído a capacidade de explorar a visualidade e promover plenamente um aprendizado, incluindo a forma, o movimento e a expressão facial, visto que a Libras por ser uma língua visual-espacial depende muito de nuances visuais.

No universo educativo, os materiais didáticos visuais desempenham um papel crucial. Quando bem elaborados e ajustados para atender às particularidades dos alunos, esses materiais podem ampliar o interesse, capturar a atenção e simplificar conceitos complexos, tornando o aprendizado mais intuitivo e envolvente.

Em contraponto com esses trabalhos, criou-se um ponto de divergência. Os materiais didáticos utilizados, uns dedicam-se a uma produção e outros a uma adaptação. Visto que as produções são inéditas, e por serem inéditas, elas são produzidas do *zero* considerando a singularidade do público-alvo, as adaptações em sua maioria usam a língua de sinais para transposição de conteúdo que foi pensado e produzido para o público ouvinte, em sua maioria, sendo transposto para o público surdo, a partir da língua de sinais. Porém, não foi um material elaborado/pensado para esse público, ele está acessível a este público com base na língua de sinais ou visualidade.

Oriundos desse ponto de divergência, em Tomlinson e Masuhara (2005) a elaboração/produção de materiais é esboçar um perfil dos alunos-alvos, detalhar as abordagens que permitiriam integrar teorias, e descrever os procedimentos que poderiam ajudar a combinar as teorias, o perfil, objetivos e as metas, assegurando que estejam ancorados em fundamentos sólidos. De modo que, “a adaptação de materiais envolve a modificação de materiais existentes para que possam se tornar mais adequados a alunos, professores e situações específicas” (Tomlinson e Masuhara, 2005 p.19).

Assim, o que Skliar (1998) chama de “representações ouvintistas” continua prevalecendo na educação de/para pessoas surdas. Espera-se que as lutas empreendidas, principalmente, pelas pessoas surdas, sejam eficazes para a total aceitação da língua de sinais, especialmente em ambientes educativos. Com isso, é essencial reconsiderar as possibilidades metodológicas, entendendo o indivíduo surdo como um ser com vivências predominantemente visuais.

Portanto, os diferentes materiais didáticos possuem sua relevância no ensino, mas, considerando o ensino de Libras como L1, para pessoas surdas, as produções em Libras atendem melhor ao aluno surdo, considerando suas especificidades desde o momento do planejamento do material, uma vez que todos auxiliam no desenvolvimento do aprendizado dos alunos. De acordo com Costoldi e Polinarski (2009, p.2), “os recursos didáticos são de fundamental importância no processo de desenvolvimento cognitivo do aluno”, ao potencializar

a capacidade de percepção, aproxima o aluno da realidade e das circunstâncias cotidianas, permitindo que os conteúdos sejam assimilados com mais agilidade e garantindo um conhecimento de fato.

O processamento multidimensional dos materiais didáticos visuais é fundamental para um aprendizado eficaz para pessoas surdas. Isso envolve a criação de representações de si próprio e do mundo pelo aluno por meio da formação desses materiais, abordando especialmente a visualização. Como cita Tomlinson, “essa representação pode atingir o impacto afetivo e o processamento profundo que podem facilitar a aquisição da língua” (1999, p.62). Ao produzir/adaptar as ferramentas didáticas para atender às necessidades desses alunos, potencializa-se a sua capacidade de internalizar e compreender o conteúdo apresentado.

Sendo assim, fazendo um paralelo com a educação de pessoas surdas, quando Freire (1996) escreve da abordagem dinamizadora para a prática educativa, para o estudo aqui posto, podemos reforçar essa afirmação através de Quadros e Souza (2008) que esclarece a importância da visualidade no ensino de/para pessoas surdas, ao afirmarem que esse processo “[...] deve ter um currículo organizado em uma perspectiva visual-espacial para garantir o acesso a todos os conteúdos escolares na própria língua da criança [...]” (p.35).

Valorizando a importância dos materiais didáticos visuais no processo educativo, destacando seu papel na ampliação do desenvolvimento cognitivo e na assimilação dos conteúdos. Especialmente, no contexto educacional de pessoas surdas, a didática e a visualidade emergem como elementos centrais, validando a necessidade de produzir/adaptar materiais e currículos para uma abordagem mais visual-espacial. Este enfoque não apenas garante a eficácia do aprendizado, mas também reconhece e valoriza a singularidade linguística e cultural dos alunos surdos, reforçando a premissa de que a educação deve dar as condições materiais para que o seu público possa se apropriar do conhecimento socialmente construído.

4.1 PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS VISUAIS ORIUNDAS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DE LETRAS LIBRAS DA UFCG

Diante dos achados provenientes da pesquisa nos referidos periódicos, e instaurado a lacuna no que tange ao lugar da visualidade na produção de materiais didáticos para o ensino de Libras enquanto primeira língua, e ainda, visando contribuir com um olhar reflexivo quanto as possibilidades de elaboração de materiais dessa natureza, dedicamos esse tópico a apresentação de produções de materiais didático visuais, como foco da temática aqui posta.

Nesse entendimento, a pesquisadora principal desse estudo desenvolveu algumas produções didáticas que se assentam na proposta evidenciada nesse trabalho. As produções são fruto da feitura das disciplinas: Fundamentos da Prática Educativa, Elaboração de Material Didático e Laboratórios. Tais materiais foram implementados durante o período de Estágio I (ensino para pessoas surdas). Para maior entendimento dos componentes aqui citados, o quadro que segue traz informações significativas.

Quadro 1: A ementa dos componentes curriculares citados

Componente Curricular	Ementa
Fundamentos da Prática Educativa	Tendências filosóficas e sociológicas do pensamento pedagógico. A função social da escola. Identidade do aprendiz e do professor no contexto da educação básica. A formação do profissional em Letras Libras.
Elaboração de Material Didático	Fundamentos teórico-metodológico relativos à produção de material didático para o ensino de Libras como L1 e L2. Prática docente: planejamento, montagem, testagem e avaliação de material didático.
Laboratório I	Aprofundamento dos estudos sobre cultura e identidade surda. Construção de recursos materiais voltados para os artefatos da cultura surda.
Laboratório II	Aprofundamento dos estudos sobre aquisição de linguagem dos surdos. O papel da linguagem no desenvolvimento humano. A educação bilíngue para surdos e a aquisição de linguagem na realidade brasileira. Construção de vídeo-aula sobre a aquisição da Libras por crianças surdas.

Fonte: quadro construído a partir de informações contidas nos Planos de Curso da UFCG

A produção de materiais didáticos para o ensino de Libras pode ser desenvolvido por disciplinas na formação inicial, como foi o caso com a autora principal. Essas disciplinas citadas acima fornecem a compreensão sobre as necessidades específicas dos alunos surdos, estratégias pedagógicas, uso de tecnologias inclusivas e conhecimento aprofundado da língua de sinais, fundamentando assim a criação de materiais didáticos mais eficazes.

Certamente, desenvolver materiais didáticos para o ensino de Libras é uma iniciativa valiosa. Ao criar materiais visuais e interativos, busca-se proporcionar uma experiência

educacional enriquecedora para pessoas surdas. Pois, em conformidade com Alves (2020) a produção enunciativa da Libras se estrutura a partir de um *input* visual e *output* gestual, dada a especificidade gramatical dessa língua. Em vista disso, a visualidade em todo o fazer pedagógico ocupa um papel bastante significativo para apropriação de conhecimento por parte das pessoas surdas. Esses materiais podendo incluir vídeos, ilustrações, jogos que promovam uma aprendizagem visual e eficaz, contribuindo assim para a disseminação do conhecimento da língua de sinais para pessoas surdas.

Nesse entendimento, segue alguns materiais produzidos pela autora principal:

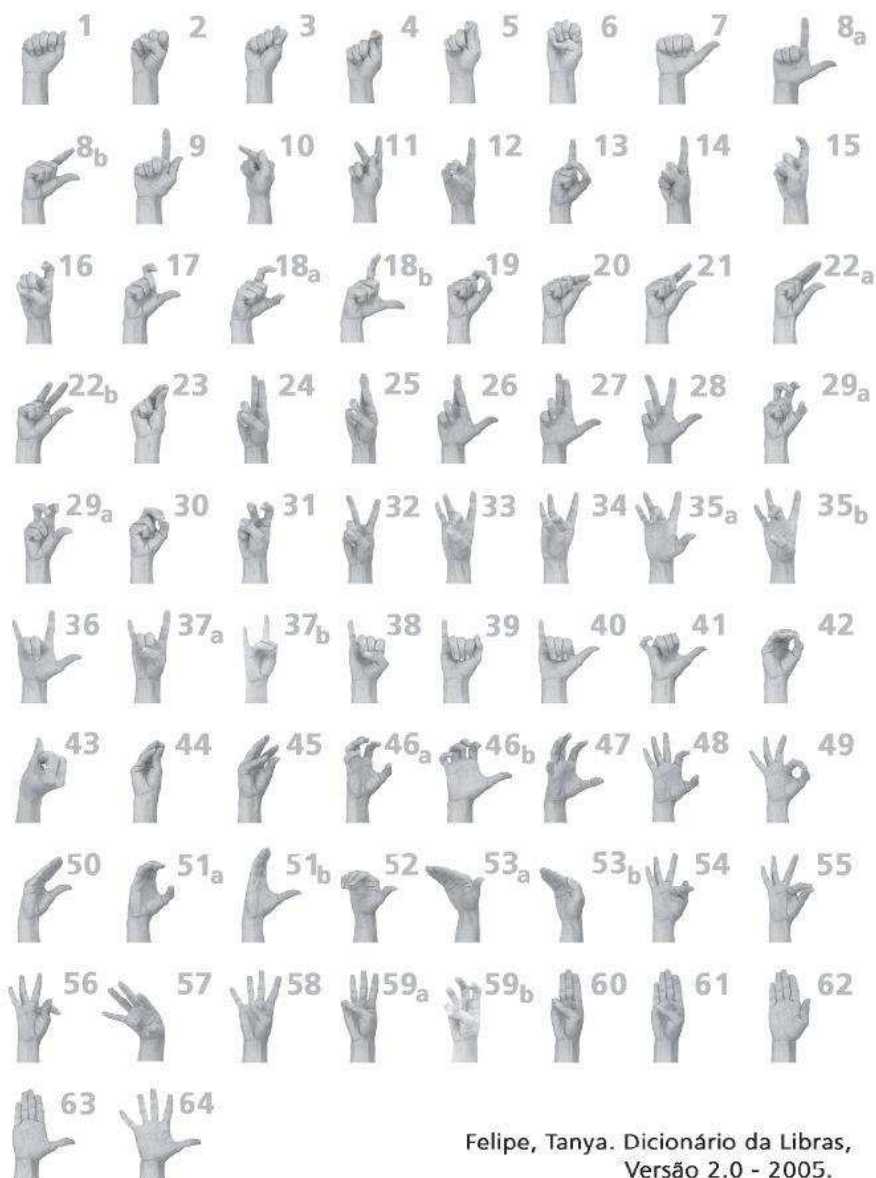
Figura 1: Cartas com as configurações de mãos



Fonte: elaborada pela autora

A Libras, assim como as outras línguas de sinais, é predominantemente expressa manualmente, embora haja uma complementação significativa por meio de movimentos corporais e expressões faciais, desempenhando funções essenciais no processo comunicativo. Seus parâmetros fonológicos são: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação (O) e expressões não-manuais (ENM).

Para um melhor entendimento apresentaremos uma tabela com as configurações de mãos por ser o foco principal desse jogo:

Figura 2: Configurações de mãos

Fonte: FELIPE, Tanya; MONTEIRO, Myrna. - Libras em Contexto - Livro do Professor pg. 28.

Nas configurações de mãos em Libras, diferentes sinais são formados pelos posicionamentos e movimentos das mãos. Assim, segundo Quadros e Karnopp (2004), nas línguas de sinais, a fonologia busca identificar as unidades mínimas que formam os sinais, definir os padrões de combinação entre essas unidades e compreender as variações possíveis no contexto fonológico. Portanto, a formação dos sinais na Libras é realizada a partir da: configuração de mãos, movimento, orientação e ponto de articulação. Por exemplo, as cartas estão sistematizadas em dois passos: na frente tem a imagem da configuração de mão, e no verso contém a explicação de como proceder para a articulação do sinal. Buscando o

conhecimento dos alunos quanto aos sinais da Libras, fazendo associações com a visualidade dos sinais e as informações que possuem nas cartas.

Quadros e Perlin (2007) mencionam sobre a importância do visual no ensino para pessoas surdas, é crucial ponderar sobre os aspectos discutidos ao desenvolver uma abordagem pedagógica visual, especialmente ao considerar a dinâmica de ensino, em especial no que diz respeito à aprendizagem da língua de sinais e à utilização de materiais didáticos para alunos surdos no contexto escolar.

Portanto, a necessidade de garantir a precisão e clareza nas imagens/jogos destinados aos alunos surdos fundamenta-se na singularidade da experiência visual como principal canal de aprendizado, portanto esses materiais são cruciais para a compreensão efetiva dos alunos surdos.

Tratando do meio visual, abaixo exibiremos sobre um outro parâmetro da Libras, em forma didática.

Figura 3: Jogo com as expressões faciais



Fonte: elaborada pela autora

As expressões não-manuais ou expressões faciais e corporais, são identificadas pelos seguintes aspectos: movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco. Tais expressões dispõem de interjeições, marcando as formas interrogativa, afirmativa, negativa ou exclamativa. Com base em Quadros e Karnopp (2004) podendo ser sobrancelhas levantadas ou franzidas, a face com as bochechas contraídas ou infladas, a boca contraída ou curvada, movimentos na cabeça ou no tronco.

A imagem apresenta de forma visual e esclarecedora um dos parâmetros da referida língua, as expressões não-manuais. Cada expressão representada na imagem, é um componente importante na transmissão de significado e no desenvolvimento para os alunos surdos, que são fundamentais para ampliar as nuances linguísticas, tratando principalmente de uma língua visual-espacial.

Segundo Basso, Strobel e Masutti (2009), criar uma abordagem de ensino que contemple tanto os aspectos culturais quanto linguísticos das pessoas surdas, integrando essa perspectiva com uma base imagética, é desafiador. As particularidades culturais, linguísticas e sociais dos alunos surdos demandam métodos de planejamento que incorporem estratégias apropriadas para o ensino de Libras. Esse desafio surge da necessidade de desenvolver uma metodologia que não apenas reconheça a singularidade cultural e linguística, mas que também utilize elementos visuais de forma aprimorada, contribuindo para uma aprendizagem mais eficaz e inclusiva na língua de sinais.

Desse modo, apresentaremos outro material didático que integra elementos visuais para aprimorar o aprendizado, ficando atento à particularidade dos alunos surdos.

Figura 4: Palavras representadas por imagens e datilologias



Fonte: elaborada pela autora

Mesmo citando o ensino de Libras para pessoas surdas, o Português se faz presente, e é de suma importância fazer essa integração de (palavra + imagem + sinal), essa abordagem multimodal reconhece a diversidade nas formas como as pessoas surdas processam as informações. Além disso, ela atende às necessidades dos alunos surdos com diferentes estilos de aprendizado, assim o aluno surdo compreende de forma mais leve e significativa. Essa metodologia não apenas fortalece o vocabulário na língua portuguesa, mas na língua de sinais facilitando a transição e integração entre diferentes aspectos e isso é de fundamental para o desenvolvimento da língua.

Promovendo assim, uma compreensão multissensorial, pois combina elementos verbais (as palavras), visuais (as imagens) e gestuais (os sinais), como também uma associação entre a língua de sinais e a língua escrita, permitindo uma expressão linguística mais rica. Assim, através desse material é possível identificar os aspectos visuais com o intuito de trabalhar a percepção visual dos alunos e promover uma apropriação vocabular nas duas línguas sempre pautada na visualidade.

Ao adotar esses meios e estratégias, a construção do conhecimento por meio da combinação de palavra, imagem e sinal na língua de sinais torna-se um processo mais proficiente às necessidades particulares da comunidade surda, estimulando o desenvolvimento de habilidades de comunicação e experiências visuais.

Ao adentrarmos neste contexto das imagens, a imagem abaixo apresenta um jogo onde a coluna com os sinais em Libras precisa ser relacionada com a coluna das imagens equivalentes, ou uma associação com o grupo que estar em conformidade.

Figura 5: Jogos interativos

0:02

The image shows an interactive game interface. On the left, there is a 4x2 grid of sign language gestures, each in a different colored frame. To the right of this grid are four empty square boxes. In the center, there are four colored brush strokes (purple, red, black) and a drawing of a boat. To the right of these are four empty square boxes. On the far right, there are four images: a bicycle, a yellow brush stroke, a green car, and an airplane. At the bottom left is a menu icon (three horizontal lines). At the bottom center is a button labeled "Enviar respostas". At the bottom right are a speaker icon and a full-screen icon.

0:06

Transportes Terrestres

Transportes Aquáticos

Transportes Aéreos

Enviar respostas

Fonte: elaborada pela autora

Os jogos interativos são um material didático envolvente no ensino de Libras, proporcionando uma abordagem lúdica e eficaz para o aprendizado. Esses jogos de correlação de sinais, no qual os alunos associam os sinais a imagens equivalentes, reforçando o conhecimento linguístico dos alunos surdos.

Sendo assim, Campello (2007), afirma que os métodos e materiais empregados na educação das pessoas surdas estão intimamente relacionados ao uso da visão em vez da audição. Isso se deve ao fato de que as pessoas surdas predominantemente interpretam e compreendem o ambiente ao seu redor por meio da percepção visual.

Logo, a produção e utilização desses jogos são essenciais no ensino de Libras para alunos surdos, envolve a criação de atividades que conectam sinais a seus significados equivalentes, dando uma melhor compreensão. Em suma, os jogos de correlação oferecem uma metodologia interativa e visual, contribuindo significativamente para o aprendizado e aplicação do vocabulário para estes alunos.

Outro material muito essencial no ensino de Libras, vídeos sinalizados, conforme seguem abaixo:

Figura 6: Vídeos sinalizados em Libras



Fonte: elaborada pela autora

A utilização de vídeos em Libras é uma estratégia útil para o aprendizado da língua de sinais. Diálogos e histórias em Libras proporcionam uma imersão visual e prática, Freitas (2009), sustenta-se que, no âmbito do ensino para pessoas surdas, é crucial organizar materiais visuais que facilitem a compreensão dos conhecimentos transmitidos, portanto a visualização e a observação de expressões faciais e movimentos corporais contribuem significativamente para uma compreensão mais completa e autêntica da língua de sinais e do conteúdo apresentado.

Nestes vídeos são apresentadas histórias/narrativas, que contam com a sinalização, legenda e imagem em constantes momentos no qual se entrelaçam para oferecer um entendimento do que está sendo apresentado, de fato, explorar um vídeo que transcende temáticas e uma narrativa visual.

Aplicando essa estratégia de ensino dinamizando a aula proposta, trazendo aos alunos o conhecimento dos usos de classificadores, identificando a utilização dos sinais e seus contextos, dando ênfase a estrutura das narrativas. A partir desse material, é possível incentiva o aluno surdo a explorar sua imaginação e desenvolver habilidades de contação de histórias, possibilitando também interações e trocas entre os pares.

Assim, os materiais didáticos proporcionam uma visão mais abrangente e didática das nuances linguísticas da língua de sinais para as pessoas surdas, constituindo o ensino e aprendizagem de forma valiosa para estes alunos surdos, indo além de simples materiais de aprendizado. Seu objetivo ultrapassa a mera transmissão de informações, eles são agentes transformadores que promovem a compreensão e fluência na língua de sinais, a importância desses materiais reside na capacidade de criar pontes entre alunos e professores, entre culturas e possibilita aos alunos surdos a se expressarem plenamente.

5 CONCLUSÃO

Ao refletirmos sobre a trajetória educacional e as singularidades do aprendizado das pessoas surdas, fica claro que os materiais didáticos, conseqüentemente, a visualidade, é mais que uma mera estratégia para a comunidade surda, mas sim uma essência que podem oferecer experiências e percepções que são fundamentais para o desenvolvimento pleno do aluno surdo. Assim, torna-se necessário reconhecer e valorizar a visualidade como um pilar central do processo educativo para pessoas surdas.

Torna-se evidente que os materiais didáticos visuais são essenciais para a eficácia do ensino de Libras. Desse modo, reafirmamos que o ensino de Libras para pessoas surdas, seja enriquecido por estes materiais, possibilitando uma identificação mais profunda com os conteúdos disseminados. A integração entre os materiais didáticos e a visualidade proporciona um ambiente educacional mais eficiente e contextualizado.

Conforme nossas análises dos trabalhos selecionados, o material didático visual desempenha um papel crucial no ensino de Libras. Dada a importância da visualidade, materiais visuais são extremamente compatíveis, pois representam a língua de maneira clara, permitindo que os alunos compreendam facilmente as nuances. Além de complementar o ensino,

oferecendo uma diversidade na aprendizagem, beneficiando diferentes estilos de aprendizado. E com os avanços tecnológicos, o material didático visual está em constante evolução, com novas ferramentas, proporcionando experiências ímpares na vida dessas pessoas surdas. Portanto, o material didático é um componente indispensável para um ensino da língua de sinais eficaz. O uso estratégico desses materiais proporciona um ambiente de aprendizado mais enriquecedor e efetivo para a pessoa surda.

Com vista à responder a nossa questão investigativa, qual seja, *qual a importância da elaboração de materiais didáticos visuais para o ensino de libras como L1?*, foi possível identificarmos a ausência significativa da elaboração de materiais didáticos visuais para o ensino de Libras para pessoas surdas nos periódicos da CAPES e da UFPB a nível de discussão acadêmica. Muito embora diversas pesquisas já tenham atestado que a pessoa surda é essencialmente visual e que a língua de sinais é visual-espacial, pouco ou quase nenhuma importância é dada à elaboração de materiais didáticos visuais no que concerne o ensino de língua e de pessoa surda.

Em Oliveira (2015), “a didática, o material didático na prática educativa, é algo que perdura desde o século XVI. Percebe-se que, muitas foram as mudanças, principalmente no modo de ensinar, que requerem do professor o atendimento à educação inclusiva de qualidade para todos.” (p.7). Entretanto, no tocante à educação de surdos, observa-se que as transformações realizadas, frequentemente, não alcançam resultados satisfatórios. Isso ocorre porque as abordagens educacionais não estão alinhadas às necessidades educacionais específicas, que devem condizer com as singularidades do modo surdo de ser (ROCHA, 2012).

A visualidade e a comunicação visual são fundamentais na educação de alunos surdos, destacando a importância da língua de sinais como instrumento central de aprendizado e expressão cultural. Nisto consiste a importância deste trabalho, uma vez que busca analisar em dois periódicos como estão sendo abordados o ensino de Libras para o aluno surdo, considerando-a como L1. Portanto, integrar métodos visuais e valorizar a identidade surda fortalece a autoestima desses alunos, promove um senso de pertencimento e garante uma experiência rica e significativa, sublinhando a necessidade de materiais didáticos visuais serem possibilidades metodológicas de uma educação significativa para essas pessoas.

Através da visualidade, como o uso da língua de sinais, a cultura e a identidade surda são valorizadas. Há uma necessidade urgente de inovar e expandir materiais didáticos para este público no ensino de Libras, priorizando tanto as nuances linguísticas quanto os contextos comunicativos. Isso fortalece a autoestima e o senso de pertencimento dos alunos surdos, promovendo uma experiência educacional mais enriquecedora e relevante.

Ao desenvolver materiais visuais, interativos e culturalmente sensíveis, esses materiais buscam ultrapassar as barreiras linguísticas, possibilitando uma experiência de aprendizado enriquecedora. A riqueza desses materiais reside na capacidade de representar visualmente conceitos linguísticos, expressões e nuances da língua que são fundamentais no ensino da Libras como L1, contudo, a integração de materiais visuais não só torna as aulas mais acessíveis, mas também influencia no desenvolvimento de habilidades de comunicação expressiva e no aprendizado da língua de sinais.

Em vista disso, ao colocar à disposição dos alunos surdos materiais didáticos bem elaborados, estamos contribuindo para um ambiente que estimula o ensino e aprendizagem, oportunizando a todos o aprendizado, a participação e o desenvolvimento. Essa abordagem reflete o compromisso contínuo com a igualdade material no acesso ao conhecimento e empodera os surdos a se envolverem plenamente no processo educacional.

Destarte, dentro do universo educacional voltado a comunidade surda, é indiscutível o papel primordial de materiais que tenham por basilar a visualidade para o aprendizado da sua língua natural, a língua de sinais. Cada material, quando bem alinhado às necessidades do aluno, a escolha e a implementação consciente desses materiais, torna-se um importante aspecto pedagógico que pode facilitar a compreensão, celebrar a diversidade e reforçar a identidade surda.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, Neiva de Aquino. **Ensino de Libras como segunda língua e as formas de registrar uma língua visuo-gestual: problematizando a questão.** ReVel, v. 10, n.19, 2012.
- ALVES, Edneia de Oliveira. **Português como segunda língua para surdos: iniciando uma conversa.** João Pessoa: Ideias, 2020.
- BASSO, Idavania Maria de Souza; STROBEL, Karin; MASUTTI, Mara. **Metodologia do ensino de Libras L1.** Curso de Letras Libras. CCE/UFSC – 2009.
- BRASIL, **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Institui sobre a Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 10 de setembro de 2023.
- CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Pedagogia visual / Sinal na educação dos surdos.** In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (org.). **Estudos Surdos II.** Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007. p. 110.
- CAMPOS, Mariana de Lima Isaac Leandro; SANTOS, L. F. **Ensino de LIBRAS para futuros professores da educação básica.** In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de.; SANTOS, L. F. (Org.) **Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à LIBRAS e educação de surdos.** São Carlos: EdUFCSCar, 2013.
- CHARTIER, Roger. **Os Desafios da Escrita.** Campinas: UNESP, 2002.
- COSTOLDI, Rafael; POLINARSKI, Celso Aparecido. **Utilização de recursos didáticos pedagógicos na motivação da aprendizagem.** I Simpósio Internacional de Ensino e Tecnologia, 2009.
- FELIPE, Tanya Amara. **Libras em contexto: curso básico.** Livro do professor. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.
- _____.; MONTEIRO, Myrna. **Libras em Contexto: Curso Básico - Livro do Professor.** ed. 6. Brasília/DF: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEEP, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996, 2004.
- FREITAS, Olga Cristina Rocha de. **Equipamentos e materiais didáticos.** 2009.
- GOÉS, Maria Cecília Rafael de. **Linguagem, surdez e educação.** 2. Ed. Campinas: Autores Associados, 1999.
- GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista.** São Paulo: Plexus, 1997.

_____. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista.** 6. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guaraci Lopez Louro – 11 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARRISON, Kathryn Marie Pacheco. **O momento do diagnóstico de surdez e as possibilidades de encaminhamento.** In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de.; NAKAMURA, Helenice.; LIMA, Maria Cecília. (Org.). **Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngüe.** São Paulo: Plexus, 2000.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004a.

LIMA, Daisy Maria Collet de Araújo. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez.** 4. ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

LULKIN, Sérgio Andres. **O discurso moderno na educação dos surdos: prática e controle do corpo e da expressão cultural amordaçada.** In: SKLIAR, Carlos (org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: mediação, 1998, p. 33-49.

MACEDO, N. D. de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho da pesquisa.** São Paulo, SP: Edições Loyola, 1994.

MARQUES, Carla V. Machado. **Visualidade e surdez: a revolução do pensamento plástico.** Revista Espaço n. 12 - dezembro de 1999 - INES – MEC

MOLLICA, Maria Cecília. **Fala, Letramento e Inclusão Social.** São Paulo: Contexto, 2007.

MOURA, Maria Cecília de. **O surdo: caminhos para uma nova identidade.** Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

OLIVEIRA, Jose Carlos de. **Didática e Educação de Surdos.** Paraná: UniCentro, 2015.

PERLIN, Gládis Teresinha. **Identidades surdas.** In: SKLIAR, Carlos. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. **O lugar da cultura surda.** In: THOMA, Adriana da Silva.; LOPES, Maura Corcini (Orgs.). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

_____.; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre, Artes Médicas, 2004.

_____.; PERLIN, Gládis Teresinha. **História cultural da educação dos surdos: a história da primeira turma de surdos de Santa Catarina - Qualificação.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina

_____. **Libras.** São Paulo: Parábola, 2019.

_____.; SOUZA, Saulo Xavier. **Aspectos da tradução/Encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual no ensino: Práticas tradutórias do curso de Letras Libras.** In: QUADROS, R. M. de (Org.). **Estudos Surdos III: Série pesquisas.** Petrópolis: Arara Azul, 2008.

ROCHA, Andreia de Lima Campos. **Elaboração de material didático: uma necessidade na educação de surdos - Monografia.** Brasília; Universidade Católica de Brasília, 2012.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima et al. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica.** Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política.** Rio de Janeiro; Vozes, 1996.

SKLIAR, Carlos. (org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: mediação, 1998.

_____. **A localização política da educação bilíngue para surdos.** In: SKLIAR, C. (Org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos.** Porto Alegre: Mediação, 1999.

SOUZA, Regina Maria de. **Que palavra que te falta? Lingüística e educação: considerações epistemológicas a partir da surdez.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

_____. **História da educação de surdos.** Florianópolis: UFSC, 2009.

TOMLINSON, Brian.; MASUHARA, Hitomi. **Elaboração de materiais para cursos de idiomas.** São Paulo: SBS, 2005.

_____.1999. **Materials development for language teachers.** Modern English Teacher 8/1.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Concrete human psychology.** Soviet Psychology, 1989.

ANEXOS



Texto 1: A Produção de Vídeos como Materiais Didáticos para Ensino de Libras como Segunda Língua

Fonte: CARVALHO, Thaís Rafaela de; GEDIEL, Ana Luísa Borba. 2020.

Link: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/LinguaTec/article/view/4613/2783>



Texto 2: O Ensino de Libras para um Aluno Surdo na APAE – Areia/PB: um estudo de caso

Fonte: SILVA, Maria Janaína dos Santos. 2016.

Link: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2414/1/MJSS22022017.pdf>



Texto 3: A Importância da Libras na Educação Infantil para Crianças Surdas e Ouvintes: o que os estudos nos dizem

Fonte: FERREIRA, Leidiane da Costa. 2021.

Link: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/20554/1/LCF16072021.pdf>



Texto 4: LibrasTube: Um Aplicativo para a Criação de Janelas de Libras Sincronizadas com Vídeos do YouTube

Fonte: SANTOS, Leandro Henrique de Souza. 2018.

Link: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/16074/1/LHSS17072018.pdf>



Jogo 1: Meios de Transportes e Cores
Fonte: OLIVEIRA, Alanna Kelly Gomes de. 2020
Link: <https://wordwall.net/pt/resource/27016878>



Jogo 2: Classificação dos Meios de Transportes
Fonte: OLIVEIRA, Alanna Kelly Gomes de. 2020
Link: <https://wordwall.net/pt/resource/29090179>



Vídeo 1: O Fotógrafo

Fonte: OLIVEIRA, Alanna Kelly Gomes de. 2021

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=jI9UMSo3-c>



Vídeo 2: A Bela e a Fera Surda

Fonte: OLIVEIRA, Alanna Kelly Gomes de. 2021

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=mbS95k6r9eQ>